

VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITORIO
RUA DO OUVIDOR

32-sobrado-32

CORTE

Trimestre
Semestre
Anno

PROVINCIAS

Semestre 11\$000
Anno 21\$000
Anno 18\$000



Tortius gaudet.

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 11 de Fevereiro de 1871.

O Sr. Eduardo de Martino, pintor mercedamente festejado no Brasil e nas republicas do Prata, pelos seus quadros historicos, reproduzindo as principaes peripecias da guerra paraguaya, expoz ultimamente em uma sala contigua ao theatro de S. Pedro dous novos trabalhos importantissimos.

Representa um o combate de Riachuelo, o outro os capuchinhos no Chaco.

Qual dos dous quadros é melhor, não o poderiei dizer. Encareque-se dessa tarefa pessoa mais competente do que eu.

Asseguro somente que não me canso de vê-los.

Que vida, que labutação no combate! Que sereni-
dade, que silencio no Chaco!

Ali a luz do dia; aqui a claridade da lua.

Em um a raiva com todos seus excessos; no outro a caridade em toda a sua paezidez!

Que dois assumptos tão differentes, tão oppostos e tão magistralmente executados!

O Sr. De Martino é um grande artista.

.

Querem um padrão do desvelo com que se cuida do embelezamento da capital do Imperio?

Vejam as immedições do edificio da Camara Municipal.

De dois lados jardins agrestes: na frente um campo, abalulado por excessivos aterros, onde pastam animaes á solta atacados de inormo e de outras enfermidades repugnantes, onde se agglomeram lavadeiras semi-nuas e soldados embriagados, onde se lançam quantas gallinhas e cães morrem pela visinhança.

E um gostinho.

.

As carroças do Sr. Polycarpo continuam a empes-
tar a malfadada cidade de Nieheroy.

Isto significa que a Illustrissima camara ainda não se dignou de ouvir nossos reclamos. Entretanto ha mais de um mez que lhe imploramos, em altas vozes e de mãos postas, que nos liberte de tão grande mal.

Como são moncos os tues senhores da Illustrissima! Embora! Fieis á promessa que fizemos, não nos clamaremos ao silencio enquanto a distincta edilidade não despertar da madorria tão suave em que jaz.

Occupar-nos-hemos hoje com a enunciação de alguns manejos que tem sido empregados por quatro benemeritos vereadores para transformarem em *privilegio exclusivo* a simples concessão feita ao Sr. Polycarpo.

Privilegio exclusivo, sim! Parece-á isto exageração nossa, mas é a pura verdade.

E se duvidam, ouçam:

Tendo sido apresentada á camara no ultimo trimestre do anno passado, uma proposta para o serviço

do accio publico, a maioria da edilidade longe de considerar, como qualquer de nós consideraria, vantajosa ao publico a concorrência, tratou desde logo de oppor uma infundada de embaraços ao competidor do Sr. Polycarpo.

Depois de andar de Herodes para Pilatos durante uns bons tres mezes, conseguiu o apresentante da nova proposta, não sem grande custo, vencer um a um todos os obstaculos que se lhe antepunham.

Foram por fim os papéis ao fiscal para dizer em que sitio do littoral devia o proponente estabelecer sua ponte.

Como era natural e de toda a justiça, informou o fiscal que a Armação era o lugar mais apropriado para isso, e tanto que ali se achava a ponte da empresa Polycarpo.

Porém, apezor dessa informação, o homem do *privilegio exclusivo* tanto mecheu os páusinhos, que a Illustrissima resolveu por quatro votos contra tres, que—*sendo particulares as marinhãs da Armação não podia ser feita a concessão para esse lugar*, e em seguida designou a praia de Maruly para nella ser edificada a ponte do competidor do Sr. Polycarpo.

Ora, se são particulares essas marinhãs para mim, como não são para o outro?

Designou a um proponente a praia de Maruly, a mais de meia legua da cidade, quando o outro teve sua ponte a dous passos della, é o mesmo que dizer áquelle: "*desista de sua pretensão; não admitimos concorrência*."

Está ou não a maioria da camara municipal resolvida a proteger a toda transe o empellendo concessionario?

Querem privilegio mais garantido?

Basta por hoje.

.

Está organisando o *Lycéo*, filho primogenito do Conservatorio Dramatico, que promette larga descendência.

A intenção foi boa. Houve mesmo acerto em quasi todas as nomenclaturas.

A directoria foi confiada a um moço intelligente, illustrado e trabalhador, que muito pôde fazer em bem do Lycéo.

Quanto ás aulas:

Ninguem dirá que o Sr. Victor Meirelles não é mais que habilitado para ensinar o desenho de cabecaras.

Ninguem dirá tão pouco que o Sr. Orlandini não é muito competente para ensinar esgrima, dansa, mimica e gymnastica.

Não conheço o Sr. Côrtes; mas para leccionar solfejo... basta sabê-lo.

Ponto as mãos ao fogo como o Sr. Bracareira hade ser optimo professor de leitura e grammatica.

Onde, porém, a meu ver peca o carro é no ensino da declamação e arte scenica.

Na Europa são os actores provectos que se encarregam de guiar os primeiros passos dos noveis.

Isso comprehende-se facilmente. Conhecendo elles

a arte pratica e theoreticamente: estão no caso de poderem formar discipulos.

Mas com a simples theoria? E não me custa que o Sr. commendador Bittencourt tenha outras habilitações sobre a arte dramatica.

Se a theoria basta para a declamação e jogo scenico, deve tambem, e com mais razão, bastar para os outros estudos.

Ensienem, portanto, tambem unicamente a theoria da dansa, da esgrima, da musica, do desenho e da leitura.

Já disse, e folgo de repetil-o, o Sr. director nomeado é muito intelligente e illustrado; mas devia limitar-se ao desempenho desse cargo supremo.

E já não teria pouco que fazer!

Não mencionei ainda o nome do Sr. Dr. Varejão e se o facto agora é apenas para dar-lhe um cordial apeto de mão.

Rejeitando, com a urbanidade que lhe é peculiar, a nomeação de Vice-Director do Lyceu Dramatico, disse S. S.:

— "Escrevendo para o nosso theatro, não posso e não devo fazer parte de qualquer corporação que tenha de influir no desenvolvimento do theatro nacional.

"Os meus escrupulos devem ser respeitados" (*Journal du Commercio* de 10 do corrente.)

Ah! Se todos fossem escrupulosos como o Sr. Dr. Antonio Achilles de Miranda Varejão!

Corre a noticia, e eu deixo a correr, de ter o Conservatorio Dramatico resolvido que o theatro subvencionado funcionasse no novo edificio construido pelo Sr. Bartholomeu, na rua da Guarda Velha.

Corre tambem que serão escripturadas para o dito theatro as actrices Adelaide Amaral, Antonina Marquellon e Ismenia.

"O que?!?! N'um mesmo theatro e no mesmo tempo, as tres celebridades artistas? Santo Deus! Vae tudo ruir!!! Tudo!!! Tudo ruir!!!!!!

A. DE C.

— 51-03000-10 —

Assumpo de varias côres

A aproximação do carnaval — Os theatros, o circo, os cocheiros, e Melle Muzet condecorando a torto e a direito — Mestre Teixeira ou um bucheiro formado... em bailes carnavalescos — O theatro-circo — O apito do meu violão de direita frente do *César* e *frase* *de*, a comp. lha contra um poeta, que continua ficar à minha esquerda — A chegada de Mello Delany — A Philharmonia Fluminense — Sua nova dra, o concerto de semana proxima, e o *Slabat*, de Rosini — O Dr. Ludovico Netto, e o meu amigo A. de C. — O canto unico do Sr. Leonardo Belmonte — Maravilhas preciosas — Eduardo de Martini, e os quadros expostos no salão particular do theatro de S. Pedro.

Aproxima-se a época dos folguedos carnavalescos. Os annuncios tendentes a excitar a febre dos foliões começam a enfeitar a quarta pagina das nossas folhas diarias, e as reuniões das sociedades, que tomam a si a parte mais luzida e chistosa do tal divertimento, onde a loucura não corre o risco de ir parar a Praia

Vermelha, repetem-se com a ansiedade precursora do muito que ha a esperar dellas.

Os theatros adornam-se; o circo D. Pedro II veste-se de custosas galas; os cocheiros começam a exigir preços fabulosos pelo aluguel dos carros; os armatrhos expõem à venda as poucas carações que lhe sobram do anno passado, e Mlle. Adele Muzet propoe-se a condecorar, sem garantia do *Governo*, todos os membros das sociedades carnavalescas que quizerem apresentar-se na rua e nos bailes com o peito coberto de fitulhas e tétens.

A estação folgazana promette, pois, cousas do arco da velha!

Sciante de tudo isso, *conhecedor* fino do bom gosto da nossa população, e intelligente quanto pôde sál-o o homem que se propoe a subir das *velhas usanças* para dar com o publico dentro de um desses salões fantasticos, cuja descripção minuciosa corre por ahí impressa no livro das *Mil e uma noites*; mestre Teixeira, bucheiro formado... em bailes carnavalescos, prepara aos seus *habitués* de mascarar o seu mascarar uma dessas sorpresas que deixam todos e tudo de boca aberta e... queixo calado.

Quando me fallaram nos bailes, que vão servir de inauguração ao theatro-circo, imaginei que se tratasse de uma coisa *arranjada* de pé para a mão, dentro de um edificio, sem duvida o mais vasto da côrte, mas que relativamente a ornatos e pintura achava-se como o tal S. Sebastião, de que fallam os rapazes.

Pois não senhor.

Dentro do theatro-circo fizeram-se verdadeiras maravilhas n'um abrir e fechar de olhos; e excepto feita do tecto, e mais achá-se tudo primorosamente concluido e prompto a atrahir sobre si a admiração de quantos lá forem a 19 e 21 do mez corrente.

Sobre o gosto que tem presidido à pintura e ornamento dos accessorios destinados ao salão de baile tão sómente, e ao effeito que deve produzir o novo systema de illuminação adoptado, callo-me por ora.

O leitor, que não recusa a sua presença e os seus cobres a festas desta ordem, melhor julgará por si.

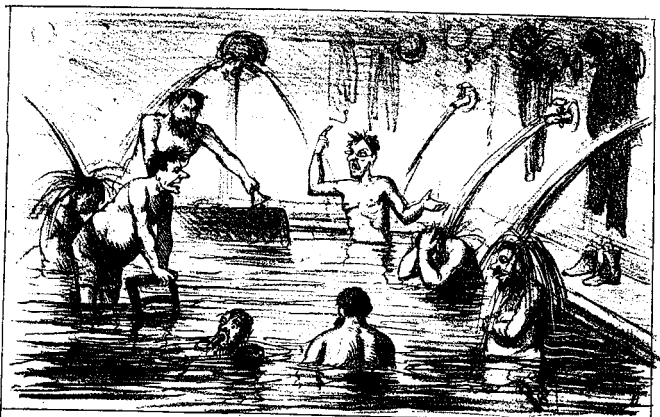
Isto de julgar por si nem sempre é das melhores cousas. Há opiniões que precisam de guia para não se embrenharem nos intrincadas e ridiculos labyrinthos... da sanicle.

Por exemplo: Um individuo que costuma sentar-se à minha direita, no Alcazar, acha que o *Canard a trois bers* é a mais espirituosa das operas levadas á scena naquella theatro; que a interpretação dada por Marie Rose (permitta-se-me a inversão) do nome por causas que o autor das biographias alcazarinas não ignora, no caracter daquella mulher prompta a deixar-se fascinar... tão facilmente, é a mais verdadeira e exacta de quantas podiam dar-se aquelle typo extravagante; que a facieirice de Rose Mignon assenta bem naquella criadinha experta e azougada; e que

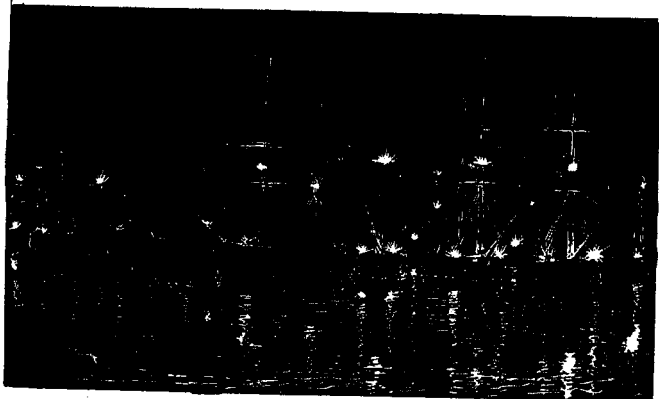


Aproxar de ainda não estarmos no Carnaval....

AVIDA FLUMINENSE



*Nova sala das sessões da Ilustíssima.
 (A Reforma que achava exorbitante o pagamento respectivo
 ao encanamento d'agua)...*



*Gracas ao novo regulamento de J. Co. da Ma-
 rinha temos todas as noites uma esplendida
 illuminacao no porto do Rio de Janeiro.*

Rosier, Dubois, Camasade e Roger exhibem certa vein comica, muito ao sabor das plateas, e grande numero de inflexões proprias a provocar o sorriso do espectador intelligente.

Tudo isto acha o meu visinho da direita, sum mesmo se dar ao trabalho de procurarmuito.

Pois bem. Longe de deixar guiar-se por tal opinião (inquestionavelmente a mais razovel e verdadeira), o meu visinho da esquerda, rapaz azougado, poeta ás direitas e que gasta por dia boa meia duzia... de *strophes* com os astros alcazarinos, achia que os *Hombeiros de Nanterre* são muito superiores ao *Pato com tres bicos*.

Já viram?....

..

Ha gente assim. Fóra dos versos só comprehende a *cascade*.

Não é por certo a elles que eu noticio a chegada de Mlle. Delmar, artista de quem tão grutas recordações guardam os que preferem um trecho artisticamente cantado ás evoluções rapidas e voluptuosas de um *cancan* frenetico. Não é a elles que eu communico o brilhante exito obtido pela sympathica cantora nas scenas do Rio de Prata, onde nem uma vez lhe faltaram os applausos de um publico sempre prompto a aguilatar-lhe o merecimento : não.

E sabem porque?

Perderia o meu tempo : e, embora me esbofasse, ouviria em resposta um *gosto mais dos Hombeiros de Nanterre*, capaz de obrigar-me a proromper em vociferações... inuteis.

Para que tal não aconteça mudo de rumo, e eis-me a contas com as sociedades de musica.

..

Desde que o Sr. Montinho cahira doente, uma dessas molestias, proprias de todas as sociedades sem presidente em pleno gozo de suas funcções administrativas, accommettera a Philharmonica Fluminense.

Permittam-me que, sem ser medico, eu dê á tal enfermidade o nome de "indifferentismo"!

Os ensaios haviam-se tornado pouco regulares, os *dilettanti* mostravam-se pouco dispostos a afinar os instrumentos e a exereitar as gargantas, os membros da directoria sobre quem, na ausencia do digno presidente, pesava a ardua tarefa de organizar os concertos, davam-se a perros para conseguirem *desideratum*, e tudo marchava, embora na mais perfeita harmonia, de sorte a não tornar lá muito lisongeiro o futuro da sociedade.

De repente, o Sr. Montinho larga a cama, onde a doença o prostrara, abandona a Tijuca, lugar que escolhera para convalescer, e sem mais *ti-le-nem quar-te*, apresenta-se nos salões da Philharmonica. A sua recolhida influencia traz nova era aquella pleiade de artistas e amadores, e de um momento para o outro os ensaios cobram animo, as rubecas apparecem ás duzias, as flautas nos quarteiros, os sopranos nos centos e os barytonos nos milheiros!

Hoje a difficuldade consiste em dar que fazer a tanta gente.

Em todo o caso, antes assim.

A Philharmonica dá os ultimos toques ao programma de um concerto, que deve effectuar-se em qualquer noite da semana proxima, e trata de distribuir o famoso *Stabat*, de Rossini, para a reunião que tem de ser honrada com a angusta presença de Ss. Mm. II.

..

O Dr. Ladislau Netto enviou a esta redacção dous livros primorosos, de que a imprensa diaria se tem occupado largamente, tecendo-lhe os elogios a que, na opinião de todos que a tem lido, a obra tem direito.

Segundo o seu louvavel costume, o meu amigo A. do C., muito mais habilitado do que eu a fallar sobre assumptos desta ordem, carregou com os livros na firme tenção de, pelo menos, agradecer a offerta.

Porém, até agora.....

O Sr. Hilefonso Bethencourt tambem nos remetteu um *Canto epico* dedicando á França.

Não me fallem em questões de metrificacão, porque disso pouco ou nada entendo: mas pelo que toca ao enthusiasmo varonil que paira nas paginas do *canto epico*, e á affluencia de imagens, realmente bellas, de que ha profusão na obra, posso garantir que o trabalho poetico do Sr. Bethencourt é um dos que mais me tem agradado.

Outrotanto pudessem dizer os... prussianos.

..

O Sr. Achilles Levy expoz uma preciosa collecção de marmores, de Carrara, onde o valor artistico se manifesta sob todos os pontos de vista. Em relacão no muito que valem alguns dos trabalhos expostos, os preços são mais do que razoaveis.

..

O lugar de honra desta chronica, compete, d'esta vez ao Sr. Eduardo de Martini.

Fructo de aturado estudo, revelação de um talento, a quem o futuro reserva os seus mais virentes louros, arrojo de inspiração de que sómente é capaz o cerebro tocado pela scentella divina — os dous quadros do pintor italiano, expostos no salão particular do theatro de S. Pedro, são de uma illusão tal, que o espectador esquece a pintura para transportar-se aos lugares onde se deram as scenas gloriosas, que o pintor tão habilmente transportou para a tela. E, aos olhos de quem não se acha habilitado a julgar melhor, a illusão é a qualidade mais exigida em qualquer trabalho de arte.

A. DE A.

FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

O BUSTO

ROMANCEIRO POR EDMOND ABOUT.

CAPÍTULO I.

(Continuando.)

O Sr. de Marsal desgraza a robustez do seu rival, o qual por sua vez desgraza a fraqueza do Sr. de Marsal. Quasi tão forte como um Alibon, pallido e negro, seu physico é um dosse que caucanquas de docencia e á velhice. Tem mais de quarenta annos, como o Sr. Leffebvre, e entretanto quasi o de vinte quando de exclamar como a Sra. Michaud «Vobis mores!» O Sr. de Marsal é capitão de fragata e official da legião de honra. Entrou para a escola naval aos 13 annos, e fez depois uma viagem em volta do mundo, vingem interannos, pouco perigosa, em que encontrou um unico inimigo: o enjoo. As pistolas que comprou o carregou em 1840, na viagem de sua partida, ainda não tinham sido descarregadas em 1855. Entre-tanto a juven alidade de Marsal não perdeu de todo seu tempo em estudos: temia a mais bella colleção de esculpturas que ha em França. Seu nome é um dos mais antigos da nobreza da Lorena: sua familia é apresentada com os Larchefoucauld, os Moléus, e os La Tour d'Auvergne. Victoriana pouco se importa com tal fidelidade ao proprio Marquez tambem nem com a fidelidade de Marsal: ella enthusiasma-se com tanto sangue azul. O espirito do Sr. de Marsal não está na nitidez do seu pensamento, o quanto á fortuna, pouco ou quasi nenhuma possui. Em compensação, seu educado é esmerado: seu tanto finissimo.

O Sr. de Marsal, que pouco come, e o Sr. Leffebvre, que se alimentava com todo o mundo, tomam durante o jantar para observar o recém-chegado. Quasi um dos seus suspeitos em Daniel um rival: porém ambos tinham a convicção de levar a primeira fidelidade contava a um o apoio do Sr. Michaud, e o advogado adun a quem o Sr. de Guédon o protegia. Não obstante, a subita chegada de um intruso pôz-lhes a pulga na orelha. O appetito patológico de Daniel (um utilissimo principio) mais frequentemente não come assim. Entretanto Victoriana, sentada do outro lado da mesa, mirou muitas vezes o scultor. Ao levantarem-se da mesa, os dois prontos de Daniel approximam-se instinctivamente da Sra. Michaud, a qual representou lhes Daniel: Aqui está o autor do meu retrato; vai fazer minha calceia. A proposito, Sr. Ferri, trouxe o mamoré?

Daniel sorrio e respondeu que ainda era cedo.

A Sra. Michaud exclamou:

— Muito cedo? Mas elle que tenho pressa, e tanta que já amanhã começaremos o trabalho no mamoré.

O artista explicou-lhe que antes de boir no mamoré era preciso primeiro fazer um busto de greda, depois modelado em gesso e depois corrigido cuidadosamente.

— Santo Deus! Quarenta dias perdidos! bradou a Sra. Michaud. Servio-se em seguida o café; e como houveram cinco ou seis moças entre os convidados, o Sr. de Marsal tocou no piano uma valsa, e dançou bem, e fez com que a moça mirasse com Victoriana a scultor dançar assim.

No fim da valsa sentou-se Daniel no piano e tocou uma quadrilha. A Sra. Michaud dançou em frente de sua sobrinha e um chiste de dança, apertando-lhe significativamente a mão, segredou-lhe ao ouvido:

— Hei-t'as estas convindo? Quem diria que é um quebrador de pedras!

— Decididamente, pensou Victoriana, minha tia está ao facto de tudo.

As dez horas, retirando-se alguns dos convidados, prepararam-se duas moças do joga, Daniel teve a imprudência de confessar que jogava o whist, e de tomar assento a uma das mesas com o parquinho chamado de Sermantel. O Sr. de Marsal e um barba-dinho fozse arista, disse lambadando as cartas, que ignorava que

— Nessa partidilha ordinária, para divertir, não? Em cinco pontos a um Luiz cada ficha.

— Oh, é muito caro para um pobre advogado! replicou o Sr. Leffebvre.

— Sim, senhor! Para divertir! Um Luiz apenas cada ficha, respondeu Daniel desculpando-se.

Victoriana entretanto desgrazou. Que diriam todos quando vissem o Principe de Ferro tirar da algibeira uma immensa folha cheia de Marquez adiantando-se e lhe dizendo: não se afirme, não se afirme.

— Sr. Ferri, não jogue mais tempo, porque preciso fallar-lhe.

Victoriana não esperou muito. Em menos de vinte minutos Daniel perdeu dez Luizes, que jogou com a maior deslembração.

O Sr. Leffebvre e o Sr. de Marsal trocaram um rapido olhar, que significava:

« Por que se quer tanta coisa dinheiro scultor retratos! A Sra. Michaud, entretida com sua hostia, não viu nem ouviu que a mania seguinte não teria uma modesta de colhe scultor para dar por conta ao carcereiro encarregado de trazer ao castello a girda, o gesso e as ferraduras. Victoriana, approximando-se delle, disse-lhe:

— De que se trata, Oh, estou muito envergonhada da minha algibeira. Temos aqui muitas sculturas boas e boas, porém não sei distinguir uma das outras. Quer dar-me sua licença do critico? Daniel, como todos os quasi todos os aristas, sabia o que era. Por isso percorreu decilamente todas as salas do castello, examinando de cada frange e de cada mamoré e julgando-se como um dosse monotypilado.

— Bem! Mau! Pessimo! Excelente!

— Voltemos agora para junto de mim, senhor artista, porque sei tanto e sou o senhor, disse Victoriana.

Quando entraram na sala do joga, tinha a Sra. Michaud acabado seu teston e olha em voz intelligivel:

— Annahi, depois do almoço, começaremos uma *buxa* busta sua. Quer far dos meus não farte!

Nessa noite achou Daniel que seu quarto lhe parecia menor e seu dinheiro mais escasso. E que sua algibeira estava vazia, e seus felizes do que os seus. No dia seguinte levantou-se cedo e foi para Paris com a intenção de arranjar algumas moedas. A quem querendo dar á sua mãe o desgosto de dizer-lhe que tinha perdido no joga os seus, uniu o de fazer-lhe a vida mais desagradavel, quem por dizeiros francos empunha que possuia, dirigiu-se a um judão a quem tinha. Era uocia do almoço o scultor regressou ao corrente de compra e venda de moedas que era hora de almoçar. O Sr. de Leffebvre bebeu salmão, Victoriana «chupou quatro copos»; e mas Daniel e a Sra. Michaud conversaram até o fim um enorme pastel de caça.

Depois de almoço decau um pequeno passeio no parque, durante o qual a Sra. Michaud contou Sr. Leffebvre o memoravel salto de Daniel, e terminou com esta observação:

— Não é elle mais dextro do que o senhor.

— Também não puzi para mostrar que sabia jogar, mas porque não meli poria por onde pudesse entrar, (respondendo Daniel) Porém em que fazei fazei de o jogo das armas.

— Ha quinhentos annos que me dedico ao fletche, espadado, pistola e boxe. Terei muito gosto de medir minhas forças com as suas, disse Leffebvre.

— Como? O senhor tambem sabe esgrimir-se a sair ao alvo? Então papaí ficará muito seu amigo! ponderou Victoriana a Daniel.

— Não, minha senhora, o trabalho do busto. Ao entrar na

— Incommoda-lhe a presença aqui destes senhores?

— Qual, minha senhora, a menos que não fizessem moções que

ignem a mudar continuamente de posição.

— Que tal lhe parece o advogado?

— Muito bom.

— E o outro?

— Muito magro.

— Qual dos dois escolheria para esposo se fizesse moça?

— Creio que preferia alguns annos para reflectir.

— (Segnando.) Não diga isto diante de minha sobrinha. Ha já

mais de seis mezes que está reflectindo. Não sei se Victoriana tem

se queda por algum; e tão reservadinha! Procure questionar.

Sr. Daniel, veja se ella lhe confessa tudo, se lhe abra a caixa

mystrica de seu coração.

— Farei quanto poder para isso, Sra. Michaud, respondeu o

scultor com a maior seriedade.

Ninguém ignorava que os estatutos os consenham muito tempo

em preparativos antes de celebrarem o toco lar na grade.

A escolha da posição, a graduação da luz e as condicões da pen-

nação absovem por bem dizer toda a attenção do artista no

primeiro dia de trabalho. E se isso acomode a qualquer, com

maioria de razão devia acontecer a Daniel, cujo modelo não tinha

dois minutos de esboço. A Sra. Michaud era a viva imagem do

multo-confiante. Por isso no caso de uma lancha estava tão fatigada

que foi mister suspender a audiencia artistica... e de busto não

hav'a nem vestigios.

— Ué! exclamou a Sra. Michaud levantando-se da poltrona!

Quão me lembro que ainda tenho de ficar onze vezes immovel

por tanto tempo quasi dormindo!



A França!

Combate, ó França, teu valor apura !
Ela ! em ti se esfrica a humanidade ;
Por ti hoje responde a nova idade,
Longe vão os grilhões, longe a tortura .

Por ti, do mundo, Deos, attento cura,
E o arauto és, por certo, da verdade ;
Por isso te deu allo a barulhada,
E na mente soprou-te luz mais pura .

Dos povos és o povo soberano !
E deixão-te vergar, em tal extremo,
Obscurecidas nações ! O traste engano !

Combate, ó França ! Eu por ti não temo,
Pois guarda-te o lugar em vasto plano,
Das nações todas o Arbitro Supremo .

M. B. C. I.